

A DIALÉTICA DO VALOR EM *O CAPITAL* DE KARL MARX

The dialectic of value in Marx's Capital

Jadir Antunes*

Resumo: Nosso artigo pretende expor a dialética do conceito de valor em *O Capital* de Karl. Marx. Para esse objetivo, analisaremos os conceitos de riqueza, mercadoria, valor-de-uso, valor-de-troca, valor, trabalho concreto e trabalho abstrato, mostrando a relação dialética existente entre eles.

Palavras-chave: dialética marxista; filosofia marxista; teoria do valor.

Abstract: Our article intends to show the dialectic concept of value in the Marx's *Capital*. For this objective, we will analyze the concepts of wealth, merchandise, use-value, exchange-value, value, concrete work and abstract work, showing the dialectic relationship among them.

Key-words: marxist dialectic; marxist philosophy; theory of value.

*Doutor em Filosofia pela Unicamp e Professor do Programa de Mestrado em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste – Pr.) Contato: jdiant@yahoo.com.br

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 2	Novembro 2012	p. 184-198
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

Introdução

Nosso artigo pretende expor a dialética do conceito de valor em *O Capital* de Karl Marx. Para esse objetivo, analisaremos os conceitos de riqueza, mercadoria, valor de uso, valor de troca, valor, trabalho concreto e trabalho abstrato, mostrando a relação dialética existente entre esses diferentes conceitos.

A crítica de Marx à Economia Política inglesa começa em *O Capital* pela crítica à noção de riqueza. A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista, diz Marx, “*aparece [erscheint] como uma ‘imensa coleção de mercadorias’*”¹. Por isso, uma pessoa ou país serão considerados tão ou menos ricos quanto mais mercadorias possuírem como sua propriedade. De imediato já podemos perceber os limites deste conceito de riqueza. Segundo esta noção, a riqueza não é considerada um bem interno – como um valor moral ou cultural que deva ser cultivado pelo homem e a sociedade – mas um bem material.

Uma coisa só pode *aparecer* diante de alguém se estiver separada deste para quem ela aparece. Por isso, a mercadoria, diz Marx, é antes de tudo “*um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie*”². Para que as propriedades úteis da mercadoria – propriedades que estão presentes no corpo de uma coisa separada daquele que a deseja – possam servir aos homens essa coisa precisa, portanto, ser tomada e possuída. A riqueza na forma mercadoria, por existir como coisa e separada da sociedade possui, por isso, uma existência transcendente.

O valor-de-uso

Toda mercadoria, por possuir uma utilidade e o poder de satisfazer uma necessidade, possui um valor-de-uso. O poder de satisfazer uma necessidade é um poder que está posto na corporalidade da própria mercadoria. O consumo é o momento em que a potencialidade útil contida na mercadoria se torna efetiva. Porém, para que uma mercadoria qualquer ultrapasse o

¹ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 45. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 49.

² MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 45. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 49.

reino da imensa coleção de mercadorias e atinja o reino do consumo e da satisfação humana é necessário antes que ela seja possuída por quem a deseje ou necessite.

A propriedade que a mercadoria possui de satisfazer uma necessidade não é uma propriedade exclusivamente sua, mas é, sobretudo, uma propriedade comum a todos os produtos da mão humana destinados a satisfazer uma necessidade. Por isso, como diz Marx, “*os valores-de-uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta*”³. O trigo, por exemplo, tomado nesta condição universal, é tanto valor-de-uso numa sociedade produtora de mercadorias quanto numa família patriarcal e escravocrata voltada para a auto-subsistência. Nesta última forma de produção, contudo, a riqueza não aparece como mercadoria e coisa externa que para ser usada como coisa útil precisa antes ser tomada pelo agente consumidor.

Nas formas de produção fundadas na auto-suficiência, a riqueza está posta à disposição dos membros da comunidade como coisa que pertence desde o princípio ao indivíduo apenas pelo fato de ele ser membro dessa comunidade. Numa sociedade produtora de mercadorias, contudo, o valor-de-uso só se torna efetivamente útil ao agente consumidor após passar pelo processo mediador da circulação que realiza o valor-de-troca da mercadoria. Por isso, diz Marx, na sociedade capitalista os valores de uso constituem, ao mesmo tempo, “*os portadores materiais do valor-de-troca [die stofflichen Träger des Tauscherts]*”⁴.

Quando os valores-de-uso são produzidos sob a forma mercadoria a eles se agrega uma nova determinação, a de serem valores-de-troca, e a riqueza passa, assim, a existir sob uma dupla e contraditória perspectiva: como valor-de-uso e como valor-de-troca. O valor-de-troca é uma determinação estranha ao valor-de-uso porque sob esta nova condição, as necessidades humanas só serão realizadas na medida em que primeiro se realizar o valor-de-troca do produto. Os poderes úteis da mercadoria – o seu valor-de-uso –, como já dissemos, se realizam no ato do consumo. O valor-de-troca, porém, se realiza no ato da troca, ato que antecede o consumo, por isso o ato da troca é um ato estranho para o valor-de-uso. Desse modo, se o valor-de-troca não se realizar fica também sem se realizar o valor-de-uso, já que os produtos só penetram na esfera do consumo após passarem pelo processo das trocas. Assim, a riqueza como mercadoria e coisa separada do agente consumidor só realiza seus poderes úteis após superar a cisão que existe entre ela e o mundo do consumo. Estes dois mundos separados – o da mercadoria e o do consumo – precisam ser reunidos num único e mesmo mundo para que a riqueza posta como coisa separada e fora do indivíduo possa efetivamente satisfazer suas necessidades.

³ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 46. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 50.

⁴ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 46. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 50.

O valor-de-uso aparece, assim, na exposição crítica de Marx, como o momento universal e abstrato da riqueza, e o valor-de-troca como o momento negativo e mais determinado dela. O valor-de-troca se sobrepõe ao valor-de-uso mas não o nega nem o elimina da mercadoria, pois o valor-de-uso servirá como o suporte material do valor-de-troca. Assim, o valor-de-uso em sua forma original que aparecia inicialmente como algo útil para o homem agora aparece como mero portador do valor-de-troca.

Desse modo, a função original da riqueza – a de servir uma necessidade humana – foi negada e posta em seu lugar uma função nova e estranha – a de servir como suporte do valor-de-troca. De meta ou fim da produção, o valor-de-uso foi convertido em mero meio pela forma mercadoria. Os poderes da riqueza em sua forma útil e natural foram transformados e invertidos e o valor-de-uso do produto passou a ser, então, um mero suporte do valor-de-troca. Assim, acima do reino das necessidades humanas e do valor-de-uso com suas propriedades úteis, e acima do reino das propriedades naturais e originais da riqueza, se elevou um segundo reino, estranho, isolado, separado e autonomizado: o reino da riqueza como coisa – o reino do valor-de-troca e do dinheiro.

O valor-de-troca

Uma vez analisado o valor-de-uso com suas propriedades úteis e naturais e mostrado sua inversão em valor-de-troca, cabe então definir o que é o valor-de-troca do produto. O valor-de-troca aparece inicialmente, “*como a relação quantitativa, a proporção na qual valores-de-uso de uma espécie se trocam contra valores-de-uso de outra espécie, uma relação que muda constantemente no tempo e no espaço*”⁵, diz Marx. O valor-de-troca aparece inicialmente aos agentes do mercado primeiro como uma relação puramente externa entre as coisas; segundo, como uma mera proporção quantitativa entre duas ou mais mercadorias que muda fortuitamente, sem uma causalidade determinada, no tempo e no espaço.

Para analisar e expor as contradições da troca, Marx escolhe uma relação de troca muito simples: a de certo *quantum* de trigo (um *quarter*) por *x quantum* de graxa de sapato, ou *y quantum* de seda, ou *z quantum* de ouro.

O valor-de-troca de um *quarter* de trigo pode ser, assim, igual a *x quantum* de graxa de sapato, ou *y quantum* de seda, ou *z quantum* de ouro e assim por diante. Uma mesma mercadoria, desse modo, pode ter múltiplos valores-de-troca que se alternam fortuitamente no

⁵ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 46. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 50.

tempo e no espaço. Por isso, diz Marx, “o valor-de-troca parece [*scheint*], portanto, algo casual e puramente relativo; um valor-de-troca imanente, intrínseco à mercadoria (*valeur intrinsèque*), portanto uma *contradictio in adjecto* [uma contradição em termos]”⁶.

A contradição entre valor-de-uso e valor-de-troca aparece inicialmente como uma contradição entre termos bem determinados: de um lado está a utilidade natural da mercadoria – o valor-de-uso – e de outro seu oposto direto, o valor-de-troca – separado e isolado do primeiro. Esta oposição começa agora a adquirir uma feição bastante misteriosa: como pode um valor-de-uso qualquer – com suas propriedades naturais específicas – ser equiparado com as propriedades naturais e específicas de outros produtos? Como podem as propriedades úteis de um produto como o trigo serem equiparadas com as propriedades úteis de produtos tão diferentes, como as propriedades da graxa de sapato, da seda e do ouro? Como podem, ainda, serem equiparadas distintas medidas naturais tão diferentes entre si, como são as medidas naturais do trigo (peso = tonelada), da graxa de sapato (volume = lata), da seda (área = m²) e do ouro (peso = libras)?

O emprego científico da abstração

Os paradoxos das equações de troca mostram claramente a Marx a necessidade de se buscar um terceiro elemento não-natural e não-sensível capaz de regular estas equações de modo universal e necessário. Marx percebe, assim, a falsidade de se conceber a oposição externa e sensível entre valor-de-uso e valor-de-troca como uma oposição real. Percebe que esta *contradictio in adjecto* é uma falsa contradição, que ela não passa de uma mera diferença externa, de uma mera diversidade entre termos separados e externos, que ela não passa de uma falsa aparência da contradição realmente existente. Para sairmos desta falsa oposição e descobirmos a verdadeira oposição presente nas trocas, devemos considerar duas coisas fundamentais, diz Marx. Em primeiro lugar, devemos considerar que os valores-de-troca de uma mesma mercadoria devem expressar algo igual e que essa igualdade não pode ser uma igualdade sensível ou natural. Em segundo lugar, diz Marx, devemos considerar que “o valor-de-troca só pode ser o modo de expressão [*Ausdrucksweise*], a ‘forma de manifestação’ [*Erscheinungsform*], de um conteúdo dele distinguível”⁷. A diversidade do valor de troca só

⁶ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 46. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 50.

⁷ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 46. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 51.

pode ser a expressão sensível de algo comum, não-sensível e não-imediato contido nas mercadorias.

Segundo Marx, “*esse algo em comum não pode ser uma propriedade geométrica, física, química ou qualquer outra propriedade natural das mercadorias*”⁸. Este terceiro elemento em comum não pode ser o valor-de-uso do produto ou sua utilidade. Também não pode ser as diferentes necessidades dos produtores de mercadorias. Este terceiro elemento comum e igual só pode ser reconhecido por meio do processo científico da abstração.

Se abstrairmos das diferentes mercadorias suas diferentes qualidades úteis e naturais, “*resta a elas apenas uma propriedade, que é a de serem produtos do trabalho*”⁹, diz Marx. Se abstrairmos do trigo sua forma natural de trigo, da graxa a forma de graxa, da seda a forma de seda e etc.; se, ao mesmo tempo, abstrairmos os diferentes materiais nelas utilizados e os diferentes trabalhos úteis nelas realizados – trabalho agrícola para o trigo, químico para a graxa e tecelagem para a seda –, então trigo, graxa e seda deixam de ser o que são em sua forma rude e natural, para serem algo diferente de si mesmos. Pelo processo de abstração das diferenças e singularidades específicas, o trabalho do agricultor, do químico e do tecelão deixa, assim, de ser o que é em seu emprego natural para ser algo inteiramente diferente de si mesmo.

Pelo processo de abstração, todas estas diferentes formas naturais de trabalho se convertem em algo absolutamente diferente do que são em sua naturalidade e se convertem em trabalho social. Assim, diz Marx, ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparecerá também o caráter útil dos trabalhos que neles estão representados. Ao mesmo tempo, desaparecerão também as diferentes formas sensíveis e naturais desses trabalhos. Desse modo, estes diferentes trabalhos, “*deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato*”¹⁰, diz Marx.

Por meio da abstração de suas formas imediatas, Marx revela, então, que toda a aparente diversidade externa das mercadorias pode ser reduzida a um terceiro elemento unificador e comum presente no interior de cada mercadoria indistintamente. Após o processo de abstração, diz Marx, restou apenas, então, “*a mesma objetividade fantasmagórica [gespenstige Gegenständlichkeit], uma simples gelatina de trabalho humano indiferenciado*”¹¹. Após o

⁸ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 46. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 51.

⁹ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 47. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 52.

¹⁰ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 47. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 52.

¹¹ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 47. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 52.

processo de abstração das diferenças externas e sensíveis do trabalho, restou apenas na mercadoria um igual dispêndio de força de trabalho humano, sem nenhuma consideração pela forma como essa força foi despendida.

O valor

Após o processo de abstração dos diversos momentos e qualidades mais sensíveis, externos e imediatos presentes na corporalidade útil das mercadorias, restou, então, nelas, o terceiro elemento tão esperado, o elemento comum e unificador que Marx chama de valor. A oposição entre valor-de-uso e valor-de-troca, que aparecia como uma oposição entre dois termos separados e autônomos, foi, então, interiorizada na mercadoria. A *contradictio in adjecto* que parecia negar a existência de uma verdadeira oposição foi então negada, e a falsa oposição entre valor-de-uso e valor-de-troca tomada provisoriamente por Marx foi substituída pela verdadeira contradição entre valor-de-uso e valor. Ou seja: a identidade existente entre os diferentes valores-de-uso e a equiparação deles no processo de troca não pode ser concebida como uma identidade imediata e natural, mas, sim, como uma identidade mediata e negativa. Trigo, graxa de sapato, seda e ouro podem ser equiparados e igualados no processo de troca, porque entre eles reina uma identidade mediata e negativa, uma identidade não-sensível capaz de ser identificada apenas pelo pensamento dialético que se desenvolve por meio de abstrações e sínteses.

Apesar de ser um coágulo de energia humana, o valor é uma coisa não-sensível ou meta-sensível e, neste sentido, abstrata. O valor é concebido por Marx como uma substância comum, como um universal negativo alcançado mediante o processo de abstração, o universal comum a todas as mercadorias alcançado mediante a negação de todas as determinações sensíveis e aparentes. O valor-de-uso, o valor-de-troca e a própria mercadoria em seu conjunto são vistos como coisas sensíveis e objetos externos. O valor, porém, não é uma coisa, ele é uma substância interna, um cristal, um coágulo ou, então, uma gelatina de trabalho indiferenciado, de trabalho abstrato que fundamenta toda a existência da mercadoria. O valor é o único elemento comum entre todas as diferentes mercadorias. Ele representa, por esse motivo, o momento racional do processo de troca.

Por esse caráter comum e não-sensível, o valor é, então, apesar de sua racionalidade, uma coisa fantasmagórica. Por este caráter fantasmagórico, o valor só pode ser descoberto e desvelado à mente dos agentes do mercado pelo processo dialético de abstração e síntese, pelo processo, como dizia Marx, que se eleva do abstrato ao concreto. Ou então, pelo processo que

vai da certeza sensível – a certeza dos sentidos e ainda carente de verdade – à certeza alcançada pelo pensamento pleno de verdade e de conteúdo – a certeza racional e filosófica. “*O que há de comum, que se revela na relação de troca ou valor-de-troca da mercadoria, é, portanto, seu valor*”¹², diz então Marx. Nessa dialética, o valor-de-troca se mostra, então, “*como a maneira necessária de expressão ou forma de manifestação do valor [der notwendigen Ausdrucksweise oder Erscheinungsform des Werts]*”¹³, diz Marx.

Ao mostrar que o valor de troca é apenas uma forma de manifestação sensível do valor, o raciocínio dialético de Marx avança para o interior da mercadoria e mostra que o valor é a negação da negação e o fundamento absoluto das trocas e do mercado. O raciocínio dialético de Marx desvela, assim, a falsidade de que na sociedade burguesa os valores-de-uso formam realmente a base da riqueza e revela que a verdadeira riqueza do capitalismo é sempre certo quantum de valor e que a mercadoria e o dinheiro são as formas mais imediatas desta riqueza. A mercadoria representa a riqueza em sua forma natural, enquanto o valor-de-troca representa sua forma social e autonomizada.

Como temos visto, o valor-de-uso constitui a determinação qualitativa e o valor-de-troca a determinação quantitativa da mercadoria. O valor, como substância unificadora destes dois momentos da mercadoria é, por isso, uma substância simultaneamente qualitativa e quantitativa. Em relação ao valor-de-troca ele representa a determinação qualitativa da mercadoria e em relação ao valor-de-uso representa a determinação quantitativa. Assim, o valor é essa unidade contraditória de qualidade e quantidade contida no interior da mercadoria.

O tempo como medida do valor

O valor, como vimos, é uma certa quantidade desta substância social chamada de trabalho abstrato. Porém, questiona Marx, como podemos medir esta substância e aferi-la sem cairmos em contradição? Marx resolve esta importante questão respondendo que a grandeza do valor deve ser encontrada medindo-se a sua substância constituidora: o trabalho humano genérico. “*A própria quantidade de trabalho é medida pelo seu tempo de duração, e o tempo de trabalho possui, por sua vez, sua unidade de medida nas determinadas frações do tempo, como*

¹² MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 47. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 53.

¹³ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 47. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 53.

hora, dia etc.”¹⁴, diz Marx. O valor da mercadoria é medido medindo-se o tempo de duração do trabalho.

Assim, duas mercadorias podem ser equiparadas entre si pela troca, porque possuem a mesma quantidade de trabalho em sua determinação abstrata, porque possuem a mesma quantidade de trabalho humano sem consideração por sua forma natural e específica, porque ambas, pressupondo condições tecnicamente iguais de produção, consomem o mesmo quantum de trabalho humano para serem fabricadas, porque ambas demoram o mesmo tempo de trabalho para estarem prontas para o consumo.

O intelecto dialético de Marx, por isso, não irá se deter nem se ocupar das mudanças que ocorrem na superfície da sociedade e do mercado capitalista, das mudanças meramente empíricas e passageiras da esfera ruidosa e turbulenta das trocas. Marx se ocupará de acompanhar, fundamentalmente, as mudanças que ocorrem no interior da sociedade, as mudanças que operam sobre esta média socialmente determinada chamada valor. É sobre esta média socialmente dada, sobre esta unidade contraditória e explosiva chamada valor, que Marx irá estudar os movimentos invisíveis e ocultos da sociedade capitalista, para ele os movimentos fundamentais. Os movimentos aparentes e superficiais do mercado e da concorrência entre os diferentes produtores deverão ser sempre submetidos e julgados por esses movimentos invisíveis do valor.

Ao adotar o tempo de trabalho socialmente determinado como medida do valor, e não o tempo individual de cada produtor, a sociedade capitalista estará adotando, assim, uma medida social e racional para medir o valor da riqueza.

O trabalho concreto

Assim como a mercadoria foi analisada sob um duplo aspecto, valor-de-uso e valor, também o trabalho representado na mercadoria deverá sofrer o mesmo processo de bipartição. O trabalho será visto inicialmente sob seu aspecto útil e material e, por isso, natural, aspecto que Marx denomina de trabalho concreto, trabalho útil, trabalho determinado ou trabalho específico. O outro aspecto a ser observado será o aspecto fisiológico e comum e, por isso, social, aspecto que Marx denomina de trabalho abstrato ou genérico.

Como vimos, a utilidade de uma mercadoria faz dela um valor-de-uso e esta utilidade não é algo que paira no ar, mas é algo colado ao seu corpo natural. Para produzir-se

¹⁴ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 47. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 53.

determinado valor-de-uso, como casaco, por exemplo, precisa-se de determinada atividade útil produtiva. Esta atividade útil, diz Marx, é determinada por seu fim, modo de operar, objeto, meios e resultado. *“O trabalho cuja utilidade representa-se, assim, no valor-de-uso de seu produto ou no fato de que seu produto é um valor-de-uso chamamos, em resumo, trabalho útil. Sob esse ponto de vista é considerado sempre em relação a seu efeito útil”*¹⁵. Como as mercadorias em geral são qualitativamente diferentes entre si, também serão qualitativamente diferentes os trabalhos úteis que as fabricam e as trocas serão, por isso, sempre trocas entre diferentes valores-de-uso.

A existência do casaco, do linho e de cada elemento da riqueza material não existente na natureza, *“sempre teve de ser mediada por uma atividade especial produtiva, adequada a seu fim, que assimila elementos específicos da natureza a necessidades humanas específicas”*¹⁶, diz Marx. Por esse caráter útil e criador, o trabalho se torna *“uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana”*¹⁷, diz Marx.

O trabalho abstrato

Na análise da sociedade burguesa devemos investigar o que há de específico nela e o que a distingue de outras formas sociais. Por esse motivo, Marx dirige sua análise para o aspecto genérico e abstrato do trabalho humano. Para encontrar o caráter específico do trabalho produtor de mercadorias e sua capacidade para ser equiparado a outras formas de trabalho, Marx nos remete novamente ao método da abstração.

Como diz Marx: *“astraindo-se da determinação da atividade produtiva e, portanto, do caráter útil do trabalho, resta apenas que ele é um dispêndio de força humana de trabalho”*¹⁸. Por isso, alfaiataria e tecelagem, apesar de serem atividades produtivas qualitativamente diferentes, são ambas dispêndio produtivo de cérebro, músculos, nervos, mãos etc. humanos, e

¹⁵ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 50. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 56.

¹⁶ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 50. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 57.

¹⁷ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 50. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 57.

¹⁸ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 50. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 57.

nesse sentido “*são ambas trabalho humano*”¹⁹, diz Marx. Alfaiataria e tecelagem, apesar de suas diferenças naturais – de métodos, materiais e fins – “*são apenas duas formas diferentes de despendar força humana de trabalho*”²⁰, diz Marx.

O trabalho humano genérico – este dispêndio produtivo de energia, cérebro e músculos durante o trabalho – é chamado por Marx de trabalho abstrato porque é trabalho abstraído de todas as suas formas úteis e concretas, porque é o resíduo encontrado após o processo de abstração das determinações sensíveis e naturais do trabalho.

Se abstrairmos de todos os diferentes trabalhos úteis os distintos elementos naturais que os separam e os limitam entre si, encontraremos então esta substância residual, esta substância que é social e não natural, encontraremos o trabalho abstrato. É trabalho abstrato porque todas as diferenças externas, sensíveis e úteis foram abstraídas, foram afastadas pela história e pelo pensamento, restando nelas uma simples gelatina homogênea de trabalho. Assim, uma mercadoria pode valer mais ou menos que outra porque em seu corpo está contido mais ou menos desta substância gelatinosa, porque levou mais ou menos tempo de trabalho socialmente médio para ser fabricada.

Com a equiparação dos diferentes trabalhos específicos da sociedade a uma mesma forma genérica de trabalho e com a equiparação de todos os diferentes valores-de-uso pelo critério do tempo é posta em crise a divisão estamental e hierárquica da sociedade. Com o domínio do trabalho geral, do trabalho enquanto tal, sobre todas as formas específicas de trabalho, impõe-se o domínio da generalidade e da universalidade sobre a particularidade e abre-se, então, por isso, a possibilidade da matematização e da cientificação da produção e da sociedade.

O trabalho concreto, como dissemos, representa o caráter teleológico e útil do trabalho, representa o trabalho em seu aspecto vivo e natural. Por esse motivo, o trabalho concreto poderia ser também chamado de trabalho abstrato, porque ele não possui realidade em si e por si mesmo. O trabalho concreto não pode ser analisado isolado e separado das formas determinadas do trabalho, como o trabalho produtor de mercadorias na sociedade capitalista, porque ele em si e por si mesmo não existe fora de uma determinada forma histórica. O trabalho concreto na verdade representa o momento em si, imediato e a-histórico do trabalho e por esse motivo representa um momento abstrato do trabalho. Desse modo, por não passar de uma abstração, a verdade do trabalho concreto só pode ser encontrada em seu outro determinado: o trabalho abstrato. O trabalho concreto e vivo do homem na sociedade capitalista, o trabalho em seu

¹⁹ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 51. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 57.

²⁰ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 51. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962, p. 57.

aspecto teleológico, por isso, só possui realidade quando subsumido ao momento mecânico e fisiológico do trabalho: o trabalho em sua forma objetivada e abstrata. Uma consideração do trabalho em seu aspecto concreto e teleológico isolada e separada do aspecto abstrato e mecânico não passaria, por isso, de uma análise essencialista e anti-dialética do trabalho na sociedade capitalista.

O caráter dialético das categorias

Seguindo os passos de Hegel na *Ciência da Lógica*, Marx mostra que as aparentes aporias do mercado e das trocas só podem ser desvendadas e esclarecidas por um pensamento dialético que se move do abstrato ao concreto, ainda que tenha o concreto como pressuposto. No começo da *Ciência da Lógica*, Hegel mostra que o Ser enquanto tal, estático, isolado e carente de determinação no fundo se identificava com seu oposto direto: o Nada. Por isso o Ser, tomado em sua generalidade abstrata, em sua universalidade indiferenciada e carente de determinação não passaria, no fundo, de uma abstração. O Nada, seu oposto direto, com o qual ele se identificava, do mesmo modo, tomado em seu isolamento e separado do Ser, não passaria de outra abstração. O verdadeiro e concreto seria, então, o transpassamento destes dois elementos na síntese superior encontrada com a noção de Devir.

Em *O Capital*, Marx utiliza este mesmo raciocínio para resolver as aporias da troca. O valor-de-uso tomado em seu isolamento e generalidade abstrata não passaria de uma abstração, já que na sociedade capitalista ele só possui realidade mediado pelo valor-de-troca, seu oposto direto separado e autonomizado pela divisão social do trabalho. Do mesmo modo o valor-de-troca, tomado em seu isolamento e autonomia não passaria, como o valor-de-uso, de uma abstração. O elemento unificador destes dois elementos, separados e autonomizados pela divisão social do trabalho, é o valor, a síntese superior, o universal concreto encontrado pelo raciocínio dialético de Marx.

O valor é um universal concreto porque ele é a síntese da diversidade e das múltiplas determinações do mercado. Ou seja: ele é um universal concreto porque é a síntese do valor-de-uso com o valor-de-troca. O valor é um universal concreto porque ele é, como o devir para Hegel, a negação da negação. Se para a dialética apenas a Totalidade contém a verdade, a Totalidade em nosso caso é o valor: a síntese das múltiplas e parciais determinações da realidade do trabalho na sociedade capitalista. O valor de uso e o trabalho em sua dimensão teleológica e concreta são apenas momentos desta noção superior e dialética de valor. Momentos que devem ser não apenas postos, mas, sobretudo, negados pela dialética de Marx.

Em Hegel, o Ser aparece inicialmente na exposição da *Ciência da Lógica* como o momento imediato do movimento. O Nada, que aparece logo em seguida como sua oposição direta, aparece como sua negação, ainda que uma negação abstrata. O Devir, síntese suprema destas duas realidades opostas e isoladas entre si, aparece como a negação do segundo momento – a negação do Nada. Desse modo, o Devir, ao aparecer como a negação do Nada, aparece como a negação da negação, como o universal concreto que reúne em seu interior duas realidades opostas e contraditórias: o Ser e o Nada – que apesar de distintos e opostos se entrecruzam e se confundem no interior do Devir.

Este mesmo raciocínio pode ser empregado para a análise da noção de valor. O valor-de-uso aparecia inicialmente na exposição como certa propriedade útil de um produto qualquer destinado a satisfazer certa necessidade humana. Com a conversão do produto em mercadoria, ocorre a duplicação entre valor-de-uso e valor-de-troca e o primeiro se converte em suporte do segundo. Assim, o valor-de-troca passa a negar a determinação essencial e original do valor-de-uso. O valor-de-troca passa a ser a negação do valor-de-uso.

Com o surgimento do terceiro elemento, o valor, surge uma nova negação negando a segunda – a negação do valor-de-troca. O valor passa, então, a negar a realidade autônoma do valor-de-troca e a ser a negação da negação. Com essa segunda negação, o valor-de-troca se converte em forma de manifestação do valor e a oposição aparente entre valor-de-uso e valor-de-troca é interiorizada na mercadoria. O valor, como o Devir, passa, desse modo, a se constituir como o verdadeiro universal, como o universal concreto, como a negação da negação que reúne em seu interior tanto o valor-de-uso quanto o valor-de-troca. Mesmo sendo distintos e autônomos em sua forma aparente, o valor-de-uso e o valor-de-troca são reunidos e unificados pela noção de valor, coexistindo, assim, no interior de uma mesma substância.

Aqui é importante perceber que Marx aceita como verdadeiras, até certo ponto, as falsas concepções sobre o valor que capitalistas e operários formam na instância do mercado. As toma como certas, porém, unicamente com o objetivo de desmistificá-las e de lançar sobre elas a crítica negativa e destruidora de seu pensamento dialético. O valor-de-troca, que aparenta possuir uma existência autonomizada e independente do valor-de-uso, agora nas mãos de Marx transformou-se numa aparência, num modo de manifestação, numa forma de expressão de algo inteiramente distinto de si mesmo: o valor. O valor-de-troca transformou-se agora, dialeticamente, numa forma de expressão do valor, na sua forma necessária de representação.

A certeza sensível dos agentes da sociedade capitalista, que tomam o valor-de-uso e o valor-de-troca como realidades distintas e separadas entre si, se converte agora em certeza filosófica, em certeza demonstrada pela dialética e pelo desenvolvimento imanente das próprias falsidades da certeza sensível. Partindo do interior das próprias aparências e ilusões da sociedade capitalista, Marx chega a um nível da realidade capitalista que corresponderia à sua

realidade filosófica. Ainda que contraditória e aparentemente dominada pela contingência do valor-de-troca, a realidade aparece diante do pensamento de Marx, como aparecia diante de Hegel, como racional e capaz de ser pensada pelo pensamento.

A exposição dialética de Marx tem mostrado que esta determinação do trabalho em seu estado útil não é suficiente para se desvendar os mistérios e contradições da sociedade capitalista. A sociedade capitalista, como sociedade produtora de mercadorias, não se funda sobre este caráter útil e qualitativo do trabalho – ainda que o tenha como seu pressuposto. A sociedade capitalista se funda, sim, sobre o caráter social e abstrato do trabalho, do trabalho concebido meramente como certa quantidade de energias físicas e intelectuais despendidas na produção da riqueza. A sociedade capitalista se funda, por esse motivo, numa concepção de trabalho meramente quantitativa, mecânica e fisiológica. Para ela, o trabalhador nunca passará de um instrumento vivo de produção.

Referências bibliográficas:

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. 3ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich: *Werke* (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1962.